
Rita Lee e Shirley Manson: questões de gêneros, sexualidades e sonoras com as ruivinhas do rock

Gabriela Cleveston GELAIN¹

Thiago Tavares das NEVES²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, ESPM-SP
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN

RESUMO

O presente texto objetiva mostrar como a vida das cantoras Rita Lee e Shirley Manson se mistura com suas músicas refletindo aspectos sociais, políticos, sexuais e de gêneros através das letras. Ao nos debruçarmos em algumas composições de Rita Lee e Shirley Manson apostamos na construção de uma epistemologia radicada em questões de sexualidade e gênero, ao assumirmos algumas letras de vossas músicas como materialidade comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Rita Lee; Shirley Manson; Gêneros; Sexualidades; Música.

Duas ruivas, duas mulheres, duas estrelas do rock, duas gerações as separam³, mas a sensibilidade e subversão as unem, uma brasileira, outra escocesa. Rita Lee⁴ e Shirley Manson. Ambas vocalistas de suas bandas, sendo as únicas mulheres integrantes: Os Mutantes e Garbage. Cantoras a frente do seu tempo, revolucionárias, cada uma em seu contexto espaço-temporal. Mulheres envolvidas na música, que assim como as *riot grrrls* (MARCUS, 2010), lutaram por espaços na indústria da música estritamente masculinos, principalmente quando falamos do rock, gênero musical historicamente feito por homens.

O objetivo principal deste artigo é mostrar como a vida dessas cantoras se mistura com suas músicas refletindo aspectos sociais, políticos, sexuais e de gêneros através das letras. Ao nos debruçarmos em algumas composições de Rita Lee e Shirley Manson apostamos na construção de uma epistemologia radicada em questões de sexualidade e gênero, ao assumirmos algumas letras de vossas músicas como materialidade comunicacional (Marcus, 2010).

¹ Doutora em Comunicação e Práticas de Consumo, email: gabrielagelain@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais, email: nevesthiago1@hotmail.com

³ Uma nasceu em 1947 e a outra em 1966.

⁴ O sobrenome Lee é uma homenagem que seu pai prestou a um general confederado Robert E. Lee.

Não somente músicas como *Drag Queen* de Rita Lee e *Queer* e *Androgyny* mostra o diálogo com questões LGBTQIAPN+⁵, mas também outras canções de Rita e Shirley, que operando de maneira capilar na cultura pop e urbana da época e atual, acabam ressoando no imaginário das dissidências de gênero e na edificação de subjetividades que ultrapassam gerações.

Quando adolescentes, o universo das mulheres é permeado, muitas vezes, por temas como o amor, o sentimento, a beleza e padrões estéticos. Desta forma, muitas meninas acabam idealizando as suas vidas enquanto mães e esposas, valores reforçados no universo das feminilidades sobre mulheres cisgêneras. Segundo Frith e McRobbie (2005), as definições de masculinidade e feminilidade são confirmadas e reforçadas no rock, onde muitas mulheres não possuíram plenamente o controle de sua performance, bem como de sua imagem e música, e Rita Lee e Shirley Manson rompem com essa afirmação em suas presenças de palco - ainda que ambas tenham sofrido com o viés masculino roqueiro.

Para Shuker (1990), nas pesquisas de música popular e feminismo existem os estudos a respeito da presença de mulheres na indústria fonográfica, especialmente as mulheres musicistas. Segundo Frith e McRobbie (2005), qualquer análise que seja relacionada ao *rock and roll* começa com o fato (social) de que, em termos de controle e produção sonora, o rock foi voltado a um padrão estipulado por homens cisgêneros, ou seja, um negócio criado por eles, não por elas. Ou seja: músicos populares, escritores, técnicos de som, engenheiros acústicos e produtores musicais foram, em sua maioria, homens. Embora as mulheres conquistem cada vez mais espaço no mercado de trabalho ao que toca a indústria fonográfica, os papéis criativos femininos ainda hoje são limitados e mediados pelas noções masculinas:

Olhando para a música popular como um todo, as mulheres têm sido mais consumidoras do que produtoras de música: o papel principal para as mulheres é o de fãs. Mulheres artistas têm sido mais proeminentes no "pop" comercial e "folk" do que no "rock", mas seu lugar em todos estes mundos tem sido predominantemente de vocalistas ao invés de instrumentistas. E onde as mulheres têm sido instrumentistas, elas tendem a ser tecladistas. Enquanto as mulheres escritoras e cantoras de "folk" têm tocado violão, a guitarra elétrica (certamente o instrumento que mais sintetiza o "rock" foi deixada nas mãos de meninos (BAYTON, 2004).

⁵ A própria Shirley, revelou em 2019 em uma entrevista se identificar com a ideia da não-binaridade.

Ao constituir o processo de formação de subjetividades a música se torna um vetor, uma força, ferramenta do social e do político. Torna-se indiscutível a conexão da música com questões de gênero e subjetividades, principalmente com a estética de minorias sejam elas mulheres e/ou LGBTQIAPN+. A música não reflete apenas realidades de gênero e sexuais, mas contribui para a produção de subjetividades sexuais e de gênero. Culturas musicais *queer* não são de modo algum separadas das teorias e teorizações *queer*; ao contrário, eles emergem como parte e sempre em diálogo com esse trabalho. (...) Música contribuiu para a produção e manutenção da *queerness* (TAYLOR, 2012, p. 8 – tradução nossa).

Red Drag/Queen Lee

Capricorniana, paulista, caçula, fã dos Beatles e James Dean, descendente de norte-americanos, filha de imigrantes italianos, poliglota, vegana, amiga de infância de Elis Regina, escritora, compositora, cantora, ativista, excomungada, apresentadora, rainha do rock nacional, assim considerada. Rodeada por mulheres, duas irmãs, mãe e madrinha de Batismo, com apenas o pai como figura masculina, Rita foi criada em um ambiente de aura feminina.

Na sua carreira musical teve influência de Elvis, dos Beatles, Paul Anka, David Bowie, Rolling Stones, dentre outros. Na adolescência, Rita formou um quarteto musical só de meninas, as Teenage Singers. Segundo Rita: “Cantávamos bonitinho, tocando eramos um desastre, não tínhamos instrumentos próprios” (Lee, 2016: 52). Naquele período era difícil uma cantora firma-se numa cena musical formada por homens. Em sua primeira autobiografia Rita afirma: “O clube do bolinha afirmava que para fazer rock ‘precisava ter culhão’, eu queria provar a mim mesma que rock também se fazia com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê” (Lee, 2016: 127).

A “ovelha negra” da família fez rock e história no rádio, na literatura, na televisão. Artista multifacetada, defensora dos direitos dos animais. As letras de suas músicas continham um narrar autobiográfico. Ovelha negra⁶ é um exemplo, pois o comportamento de Rita destoava de suas irmãs e o que era esperado para uma mulher adulta nos anos 1970, quando ela já estava com seus vinte e poucos anos, a letra fala por si só: “Foi quando

⁶ A música foi lançada em 1975 e faz parte do álbum Fruto Proibido.

meu pai me disse: filha, você é a ovelha negra da família, agora é hora de você assumir, e sumir”.

Rita fugia dos padrões, quando criança ainda foi vítima de abuso por um técnico de TV, teve problemas com drogas durante boa parte de sua vida e sempre esteve atenta às questões relacionadas às mulheridades e também questões LGBTQIAPN+. Além de ter uma música chamada “Todas as mulheres do mundo”, do seu álbum de 1993, dedicada às mulheres, nesta canção presta uma homenagem a transexual Roberta Close tão popular no Brasil.

Lançado em 1993 e gravado “sob efeito etílico”, este disco traz uma importante atualização das questões femininas sempre abordadas por Rita. Embora tenha saído só com o nome da artista, que preferiu rebatizá-lo no âmbito privado, o material rende não apenas uma homenagem a mulheres icônicas (entre elas a modelo transexual Roberta Close, tão famosa quanto alvo de preconceito a essa altura), mas também o radicalismo de “Menopower”, em que esmigalha o tabu da menopausa, que experimentava à época (Araujo, 2023).

Neste álbum, Rita também presta uma homenagem as drag-queens com a música Drag Queen. A letra mistura inglês com português ao trazer a descrição de uma drag queen brasileira com influências norte-americanas. “She's a self-made lady, Sort of neide in Brazil, pintosa drag queen, ela tem sangue ruim, poderosa, audaciosa, perniciososa, tihosa, horrorosa. (...) She's a tupiniqueen” (Lee, 1993). Em 2013, em uma entrevista para o canal GNT, Rita afirma: “Você sabe como é que é Drag Queen né? Elas ficam poderosas no palco.” (Lee, 2013).

Trinta anos depois em 2023 a famosa drag brasileira Gloria Groove homenageia a Rita em uma fantasia de Halloween chamada “Vovó Ritinha”, alter ego da roqueira. A cantora também foi homenageada pela drag queen Rita d’Libra, que tem esse nome para fazer às honrarias à rainha do rock nacional. Rita d’Libra vem de Rita Lee e Rita Cadilac. Libra por causa da linguagem dos sinais, pois a drag Rita trabalha com inclusão e transmite todo sentimento das músicas através de interpretações criadas por ela para quem não pode ouvir.

A música e o videoclipe da música “Obrigado não” do álbum Santa Rita de Sampa de 1997 tem também forte apelo político em relação a temas polêmicos como homossexualidade e aborto. Nos trechos: “Separe o joio do trigo, o Maquiavel do seu amigo, casamento gay além de opção, é controle de população”, ou “Gravidez versus aborto, quem quer nascer no mar morto? Quem quer morrer antes da concepção?”, ficam

evidentes sua luta em questões de sexualidade e minorias LGBTQIAPN+. O videoclipe tem início com dois militares se beijando.

Eu não entendo assim, porque que a pessoa se revolta quando tem um homem com um homem, uma mulher com uma mulher, por que há tanta revolta? Por que não pode? O que é que não pode? Porque na bíblia... ah não bicho. Cada um tem sua interpretação da bíblia. São essas pessoas que chegam no poder. Com essa cabeça, terceiro milênio, era hora de a gente estar nos Jetsons, voando de aviãozinho. Ai fica: porque minha religião não pode, vão tomar no... (Lee, 2013).

Shirley “Queer”Manson

Virginiana, cantora, atriz e modelo, a escocesa de cabelo vermelho Shirley Manson nasceu em Edimburgo, filha de um professor universitário e de escola dominical e uma cantora. Sua educação infantil foi marcada pela Igreja da Escócia até os 12 anos. Durante esse período, ela integrou a orquestra da escola e tornou-se ativa em grupos de teatro, participando de apresentações amadoras e musicais - não imaginaria Manson, que no futuro, após fazer sucesso com o Garbage, teria que trabalhar como atriz em Hollywood após o apagamento de sua banda (Albuquerque, 2012).

No entanto, ao ingressar na escola secundária, Shirley foi vítima de *bullying*, o que a levou a uma forte depressão, transtorno dismórfico corporal e automutilação. Superado esse período difícil de sua vida, já adulta, Shirley trabalhou em diversas funções, incluindo cafeterias de hospitais locais, hotéis e balcões de maquiagem. Ela também passou a estilizar cabelos de algumas bandas locais e trabalhou como modelo de roupas.

Aos 16 anos, Shirley entrou na banda de rock Goodbye Mr. Mackenzie, onde tocava teclados e fazia backing vocals. No entanto, ela alcançou grande notoriedade ao ingressar no Garbage, banda que teve enorme sucesso nos anos 90 e 2000 com hits como "Stupid Girl", "Only Happy When It Rains" e "I Think I'm Paranoid." A presença de palco de Shirley Manson é marcante, caracterizada por sua voz distinta e seu estilo ousado de se vestir. Um destaque na trajetória do Garbage é a música "Queer," que possui um videoclipe ousado em preto e branco, com mudanças de enquadramentos, câmera girando e o posicionamento de Shirley como uma mulher dominadora. A música começou como uma demo por volta de 1994. A letra fala: "Hey garoto, olhe para mim, Deixe-me bagunçar sua mente, Vou arrancar sua casca dura, E ver o que posso encontrar. O mais *queer* dos *queers*, O mais estranho dos estranhos."

A performance visual e a temática da música "Queer" demonstram um pouco da identidade de Shirley Manson. Assim como Rita Lee, Manson ganhou atenção da mídia por possuir um estilo e atitude que se destacava em meio ao universo majoritariamente masculino na música. Durante grande parte da vida, Shirley viveu entre Edimburgo (Escócia) e Estados Unidos para gravar com a sua banda, o Garbage, originalmente formada em Madison (Wisconsin).

Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. **Shirley Manson, do Garbage, fala dos traumas da carreira**. O Globo, online. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/shirley-manson-do-garbage-fala-dos-traumas-da-carreira-6176716> Acesso em: jul. 2024.

ARAÚJO, Guilherme. Rita Lee explorou inseguranças e transformações em lado B da discografia. **Papelpop**, 09 mai. 2023. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2023/05/rita-lee-explorou-inseguranças-e-transformacoes-em-lado-b-da-discografia/> . Acesso em: 21 jun. 2024.

FRITH, Simon; MCROBBIE, Angela. Rock and sexuality. In: FRITH, S; GOODWIN, A. **On the record: rock, pop and the written word**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

LEE, Rita. **Entrevista - Rita Lee - entrevista especial - GNT 2013**. Viva voz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btg5x9oblGw> . Acesso em: 21 jun. 2024.

LEE, R. **Rita Lee: uma autobiografia**. São Paulo: Globo, 2016.

MARCUS, Sara. **Girls to the Front: the true story of the riot grrrl revolution**. New York: Harper Perennial, 2010.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999.

TAYLOR, J. **Playing it queer: popular music, identity and queer world-making**. Berna: Suíça, 2012.